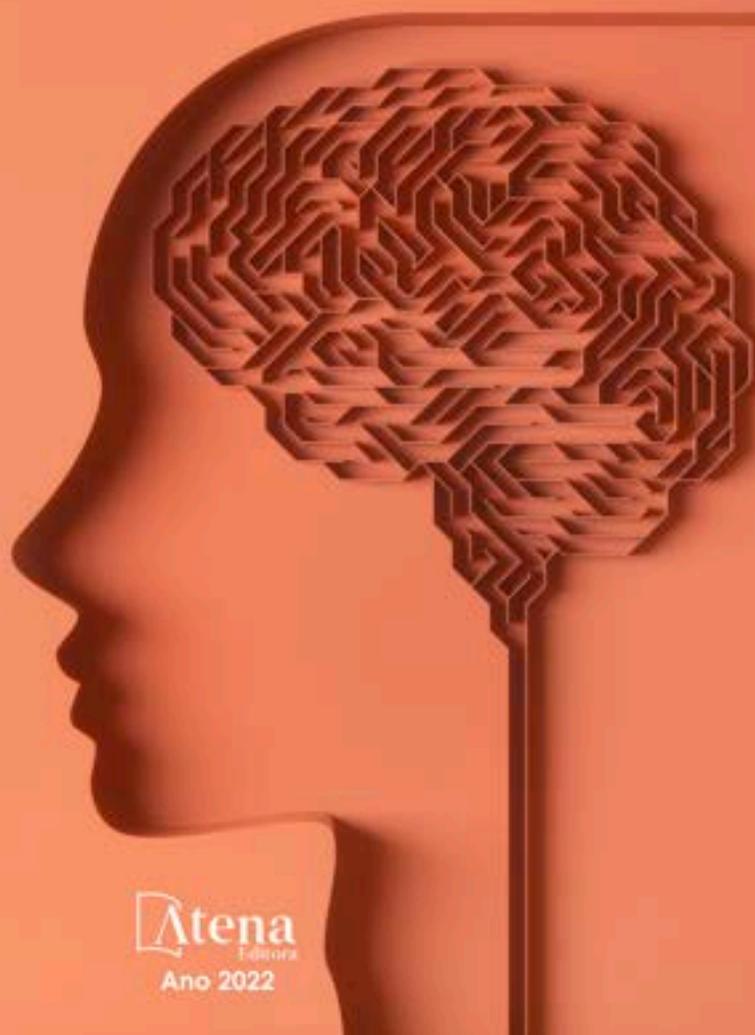


Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)

# A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA

e seu(s) objeto(s) de estudo 2

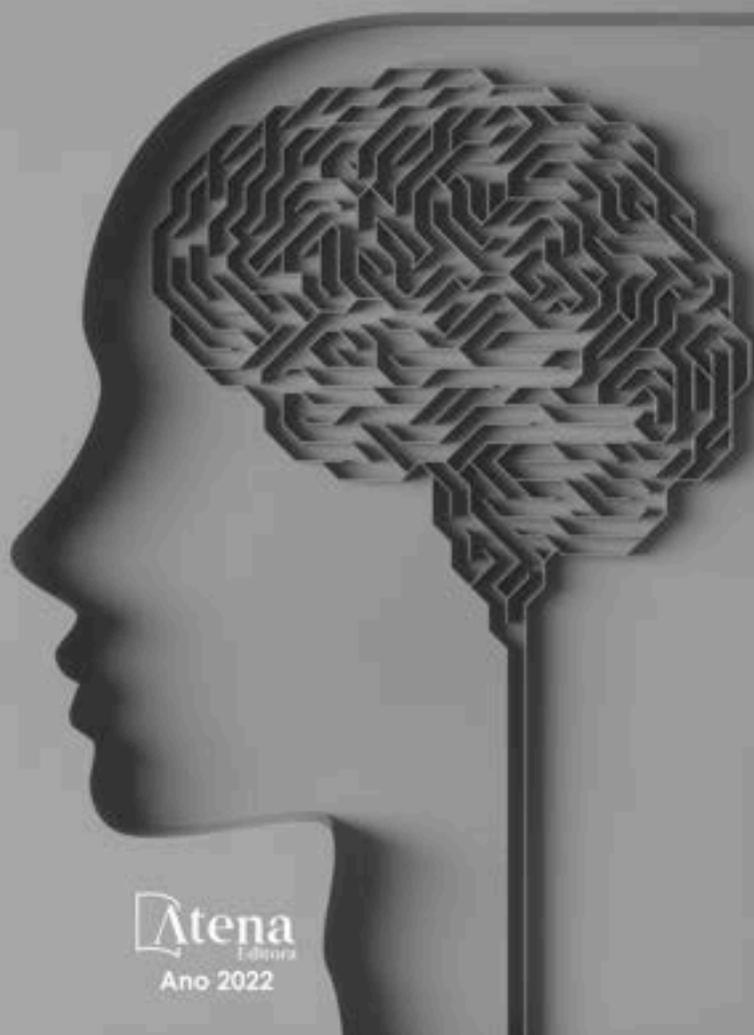


Atena  
Editora  
Ano 2022

Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)

# A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA

e seu(s) objeto(s) de estudo 2



Atena  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## A psicologia como ciência e seu(s) objeto(s) de estudo 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Ezequiel Martins Ferreira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 A psicologia como ciência e seu(s) objeto(s) de estudo 2 /  
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -  
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0403-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.033221708>

1. Psicologia. 2. Consciência. I. Ferreira, Ezequiel  
Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editores  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A coletânea *A psicologia como ciência e seu(s) objeto(s) de estudo*, reúne neste volume doze artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.

A Psicologia enquanto campo teórico-metodológico traz em suas raízes tanto a especulação filosófica sobre a consciência, a investigação psicanalítica do inconsciente, quanto a prática dos efeitos terapêuticos da medicina e em especial da fisiologia.

E, desse ponto de partida se expande a uma infinidade de novas abordagens da consciência humana, creditando ou não algum poder para o inconsciente como plano de fundo.

A presente coletânea trata de algumas dessas abordagens em suas elaborações mais atuais como podemos ver nos primeiros capítulos em que se tratam do inconsciente em suas relações com os corpos, as contribuições socioeducativas entre outros olhares para o que é abarcado pelo psiquismo humano.

Em seguida temos alguns temas situacionais de nossa realidade imediata quanto aos efeitos psicológicos do isolamento social e o medo da morte.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A LINGUAGEM TERNA DE SÁNDOR FERENCZI COMO RECURSO DA RELAÇÃO ENTRE LEITOR E OBRA LITERÁRIA

Marcos de Moura Oliveira

Soraya Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217081>

### **CAPÍTULO 2..... 10**

A SAÚDE EMOCIONAL DOS TRABALHADORES RESGATADOS EM CONDIÇÕES ANÁLOGAS À DE ESCRAVO: CONTRIBUIÇÃO DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO NO COMBATE AO CICLO NOCIVO DA ESCRAVIDÃO CONTEMPORÂNEA

Nathalia Canhedo

Carlos Mendes Rosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217082>

### **CAPÍTULO 3..... 22**

A RELAÇÃO TERAPÊUTICA AOS OLHOS DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Paola Eloisa Müller

Chancarlyne Vivian

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217083>

### **CAPÍTULO 4..... 31**

A SAÚDE MENTAL DE MULHERES EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Mary Kellen Domingos de Sousa

Juliana Silva Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217084>

### **CAPÍTULO 5..... 45**

A VELHICE E SUAS POSSIBILIDADES DE SENTIDOS

Antônio de Castro Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217085>

### **CAPÍTULO 6..... 61**

DESAFIOS DA INCLUSÃO E A EDUCAÇÃO DO ALUNO COM TEA (TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA)

Brunna Sirqueira Braga Santos

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217086>

### **CAPÍTULO 7..... 78**

PENSAR E AGIR EM COMUNIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

Natália Helena da Silva Mendes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217087>

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>88</b>
CONVERSAS COM PROFESSORAS SOBRE AS POSSIBILIDADES DE ENFRENTAR A PATOLOGIZAÇÃO E A MEDICALIZAÇÃO DO COMPORTAMENTO HIPERATIVO	
Karla Paulino Tonus	
Bárbara Letícia Santos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217088">https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217088</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>100</b>
A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, NA ADOLESCÊNCIA, SOB O OLHAR DA ENFERMAGEM E DA PSICOLOGIA	
Iasminny Loiola Teixeira	
Letícia Ferreira de Amorim	
Brunna Nayara Alves Sousa Rolim de Sena	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217089">https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217089</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>119</b>
AVALIAÇÃO DE RISCO E PROTEÇÃO PARA USO DE DROGAS E VIOLÊNCIAS: UM MODELO EM ADAPTAÇÃO PARA O BRASIL	
Emerson Luiz Padilha Junior	
Renata Westphal de São Tiago	
Charlene Fernanda Thurow	
Daniela Ribeiro Schneider	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.03322170810">https://doi.org/10.22533/at.ed.03322170810</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>135</b>
A ESPIRITUALIDADE E A SAÚDE MENTAL, UMA REVISÃO SOBRE A PSIQUIATRIA E ESPIRITUALIDADE/ RELIGIOSA	
Gabriel Turra Kuchiniski	
Gisele Berticelli Brandeleiro Locatelli	
Fernanda Camargo Paetzhold	
Patrícia Barth Radaelli	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.03322170811">https://doi.org/10.22533/at.ed.03322170811</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>146</b>
PROJEÇÃO CONSCIENTE: ACELERADOR RECINOLÓGICO	
Katia Cilene Sousa Torres	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.03322170812">https://doi.org/10.22533/at.ed.03322170812</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>157</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>158</b>

## A VELHICE E SUAS POSSIBILIDADES DE SENTIDOS

*Data de aceite:* 01/08/2022

*Data de submissão:* 12/07/2022

### Antônio de Castro Souza

Discente do Programa de Pós-graduação em  
Psicologia – UFMT

Cuiabá

<https://orcid.org/0000-0003-4630-8927>

**RESUMO:** A velhice é uma fase de mudanças na rotina, saúde, aparência e percepção de si e do mundo. E revela-se para muitos como um estigma, fato que nos chama a atenção para a necessidade de aprofundar as investigações em relação ao tema. A literatura que trata do tema velhice, às vezes, segue em silêncio em meio a muitos outros temas ditos de maior relevância. A fim de romper esse silêncio ou propiciar o debate, nossa investigação busca identificar e refletir os sentidos que a velhice adquire nas narrativas, aquelas que, principalmente, tentam nomeá-la ou defini-la. A princípio, buscamos explorar as nuances do que chamamos de velhice, bem como problematizar a tentativa de conceitualizá-la. abordaremos, também, a velhice no discurso da atualidade. Instigados pela existência de um discurso dominante — o discurso médico —, no próximo capítulo, abordaremos uma característica da sociedade atual que afeta, principalmente, o velho do nosso tempo: a medicalização generalizada da vida. E, por fim, encaminhamos o trabalho para a relação entre velhice e morte, destacando um

elemento que une esses dois aspectos da vida: o escamoteamento. Concluímos, então, que ambos os sentidos destacados na pesquisa vêm apontando para um lugar: o não lugar social; ou seja, cada vez mais o velho perde lugar e voz na sociedade. O estudo corrobora, ainda, com a defesa de Beauvoir de que não exista uma velhice apenas, mas sim múltiplas formas de se vivenciar o envelhecimento. Ou seja, múltiplos sentidos; cada pessoa vivendo a singularidade dessa experiência, se rearticulando e ressignificando de acordo com processos de subjetivação, como a envelhescência descrita por Berlink (2000) e Soares (2005); ou mesmo por meio da sublimação, como defendido por Mucida (2019).

**PALAVRAS-CHAVE:** Velhice; Envelhecimento; Senescência.

**ABSTRACT:** Old age is a phase of changes in routine, health, appearance and perception of oneself and the world. And it reveals itself to many as a stigma, a fact that draws our attention to the need to deepen investigations on the subject. The literature that deals with the theme of old age, sometimes, is silent in the midst of so many other themes said to be of greater relevance. To break this silence or promote debate, our investigation seeks to identify and reflect on the meanings that old age acquires in narratives, those that mainly try to name or define it. At first, we seek to explore the nuances of what we call old age, as well as problematize the attempt to conceptualize it. we will also approach old age in the current discourse. Instigated by the existence of a dominant discourse — the medical discourse —, in the next chapter, we approach a characteristic

of today's society that mainly affects the elderly of our time: the generalized medicalization of life. And, finally, we direct the work to the relationship between old age and death, highlighting an element that unites these two aspects of life: concealment. We conclude, then, that both meanings highlighted in the research have pointed to a place: the non-social place; that is, the elderly are increasingly losing their place and voice in society. The study also supports Beauvoir's defense that there is not just one old age, but multiple ways of experiencing aging. That is, multiple senses; each person experiencing the uniqueness of this experience, rearticulating and resignifying themselves according to subjectivation processes, such as the aging described by Berlink (2000) and Soares (2005); or even by sublimation, as defended by Mucida (2019).

**KEYWORDS:** Old age; Aging; Senescence.

## 1 | INTRODUÇÃO

Devido à crescente expectativa de vida e avanços que propiciaram melhores condições de saúde, percebe-se um aumento da população no Brasil e no mundo. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>1</sup>, a população brasileira chegará, no ano de 2047, ao número máximo de 233,2 milhões de habitantes. A estimativa também indica um aumento na população idosa, chegando nesse mesmo ano à marca de 47.819.519 pessoas acima dos 65 anos. Em 2053, estará atingindo seu ápice de 53.639.091 idosos. Os dados, ainda, indicam que um quarto da população terá mais de 65 anos em 2060.

Essa realidade chamou a atenção para a necessidade de se produzirem mais pesquisas sobre a percepção da velhice pela sociedade, visto que o idoso é uma categoria cada vez mais crescente na população mundial. Tal aumento do número de idosos, em todo o mundo, segundo Freitas *et al.* (2011, p. 62), “exerceu pressão passiva” sobre o desenvolvimento dos estudos na área da velhice. Pode-se dizer, também, que o tema possui natural tendência de crescimento do interesse, como afirmam Freitas *et al.* (2011):

o século 20 marcou definitivamente a importância do estudo da velhice, fruto, de um lado, da natural tendência de crescimento do interesse nas pesquisas e estudos sobre o processo de envelhecimento, que, diga-se de passagem, já se anunciava nos séculos anteriores (p.62).

Esse aumento da população idosa chama atenção da Psicologia como área receptora de parte dessa demanda, tanto em relação as psicoterapias quanto para pesquisas; no entanto, Cachioni e Aguilar (2008) salientam que, no Brasil, o estudo da velhice tem sido abordado pelas universidades de modo “lento, seletivo e gradual” (p. 239). Se a Psicologia não agregar sua perspectiva, com seus discursos e suas interpretações, outros o farão. Desse modo, não basta, apenas, apresentar a superposição de um discurso sobre o outro, mas destacar que os cursos de Psicologia no Brasil precisam olhar para esses dados e fomentar o debate nas graduações e programas de pós-graduações; a fim de que o tema

<sup>1</sup> Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 10/10/2020.

não fique no esquecimento ou subestimado em sua importância. Como salienta Néri (2004),

a psicologia brasileira não apresenta produção volumosa, de longo prazo, contínua, sistemática e característica sobre a velhice. A difusão da informação científica e profissional ainda deixa a desejar, em parte porque ainda não ensinamos a disciplina sistematicamente na universidade (p.71).

Segundo Néri (2004), a Psicologia agregou conhecimentos das Ciências Sociais, se beneficiando com estudos focados na compreensão de grupos que compunham a sociedade e suas mentalidades. Entre esses grupos, há os idosos. Nesse sentido, notam-se avanços da Psicologia na temática da velhice:

a partir da década de 1960, a psicologia foi aprimorando a descrição e a explicação dos fenômenos do envelhecimento (processo), da velhice (fase da vida) e dos idosos (indivíduos designados como tal, a partir dos critérios da sociedade) (NÉRI, 2004, p. 70).

Podemos considerar, também, que a Psicologia conseguiu ganhar espaços com o crescimento do campo profissional da Gerontologia, o qual, como inúmeras outras áreas, contribui para suas produções. Esses avanços são importantes, pois, com o aumento da população idosa, os psicólogos precisam de preparo para esse público que, cada vez mais, demanda por uma compreensão mais humanizada e um olhar para as individualidades de cada sujeito.

Com o envelhecimento populacional, em todas as camadas sociais deverá aumentar a necessidade de oferta de serviços de reabilitação cognitiva e de apoio psicológico a idosos, já que o avanço da velhice está associado a um risco aumentado de vulnerabilidade e disfuncionalidade. Familiares e profissionais encarregados de cuidar deverão buscar mais serviços psicológicos no âmbito da informação, do desenvolvimento de habilidades e do restabelecimento do bem-estar psicológico e físico (NÉRI, 2004, p. 72).

Dessa forma, a Psicologia deve, cada vez mais, contribuir para a elaboração do entendimento e acolhimento da velhice; seja a respeito das pesquisas, da prática em consultórios ou demais instituições. Com sua perspectiva de entender o homem em sua singularidade, sempre pautada pela escuta clínica, a Psicologia possibilita que a principal característica da velhice — sua singularidade, a experiência única de cada sujeito — não seja ignorada por discursos que tentam situá-las a uma única compreensão.

A respeito de pesquisas na área de Psicologia, inúmeros contornos podem ser feitos, tais como: “a relação dos idosos com as novas tecnologias”; “percepção da sociedade sobre o idoso”; “as condições de vida desses idosos” etc. Nesse sentido, lançamos o seguinte questionamento: o que ganhamos com essas investigações? Para compreender o campo ético e político que essas e outras pesquisas podem abrir e/ou contribuir, tomemos a liberdade de abordar e elaborar algumas considerações sobre a apresentação de Marilena Chauí do livro “Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos” de Ecléa Bosi. Chauí (2018) salienta a importância do trabalho de Ecléa Bosi, sobretudo, destacando sua pesquisa

como um ato também de luta pelas causas que precisam ter sua devida atenção. “Em outras palavras, a dimensão militante do trabalho intelectual é a bússola, cuja agulha é “a lei do outro” e cujo norte é a geração do porvir.” (CHAUÍ, 2008, p. 19)

Chauí (2008) salienta a importância da pesquisa relativa a temas escamoteados socialmente, e, ainda, expõe como esse processo de criação do conhecimento pode dar voz às pessoas silenciadas socialmente. As entrevistas de seu livro contribuíram para dar “armas” àqueles (os velhos miseráveis) que foram menosprezados e encontram-se desprovidos da possibilidade de lutar por seus direitos. Essa arma implica ter uma voz ativa socialmente.

Já na psicoterapia, os conhecimentos produzidos pelas pesquisas podem auxiliar o manejo e recepção desses pacientes que são atravessados por essa condição que lhe é estranha, a qual chamamos de velhice, embora não haja uma só; bem como o terapeuta poderá contribuir, a respeito dos estudos da velhice, com suas observações dos atendimentos a paciente idosos. Portanto, é cada vez mais necessário que a Psicologia observe essa questão, possibilitando, também, seu estudo nas universidades.

Nomeamos essas formas de se observar e entender a velhice como “sentidos” que apontam para algum lugar no social, uma direção; o que diz respeito à nossa relação com a velhice. Estudar esses “sentidos da velhice” é uma das formas de se problematizar e discutir o lugar que o velho ocupa atualmente. Assumimos, portanto, não apenas uma perspectiva de observadores, mas também de produtores de sentidos.

## 2 | METODOLOGIA

Nossa investigação tem como objetivo geral identificar e refletir os sentidos adquiridos pelas velhices. Buscamos, portanto, localizar os sentidos que revelam como a sociedade atual percebe suas velhices, de forma coletiva e individual; interpretando, de acordo com o referencial teórico organizado, os sentidos que se atribuem à velhice e como essas concepções podem estar presentes, afetando a percepção do envelhecimento.

Muitas imagens que se formam sobre a velhice são encontradas nas produções de subjetividades artísticas, como: cinema, pintura, poesia. Portanto, foram pesquisados, por meio de mecanismos de buscas na internet, materiais (pinturas, filmes, poemas) com a temática velhice, a fim de corroborar este trabalho.

Essas imagens e sentidos que as velhices vão adquirindo configuram-se, assim, como nosso objeto de pesquisa. Esse movimento de interpretação abre o debate para os inúmeros sentidos que podemos encontrar. Visto isso, nossa investigação parte da dimensão psíquica e social da dinâmica da velhice e dirige-se para a questão que a norteia: quais os sentidos podemos dar para a velhice atualmente?

## 3 | DESENVOLVIMENTO

### Velhice e suas nuances

Como veremos, a velhice é um tema complexo, com nuances a serem abordadas; desde sua tentativa de definição às deformações e uso pejorativo que a palavra “velho” ganha na popularmente. Atualmente, por exemplo, não é comum o uso de termos como senescência (envelhecimento natural) para se referir à velhice de alguém; é mais comum o uso de outros termos como senilidade (velhice sobrecarregada de patologias), de modo a generalizar a velhice e estigmatizá-la como se toda velhice fosse repleta de patologias (BRASIL, 2007). Certamente, há um declínio fisiológico nas idades avançadas que impõe certos limites aos velhos. Entretanto, a velhice não se resume às suas dificuldades, tampouco deve ser tomada, apenas, como declínio.

Durante sua existência, o sujeito experimenta diversos limites, por exemplo, quando criança. O primeiro limite é imposto pelos pais, e, na vida adulta, o aceitável ou não, socialmente, representa um limite aos desejos. Desse modo, os limites não são exclusivos da velhice, tampouco das enfermidades. Esses limites fazem parte do ser humano e, ao mesmo tempo, não definirão a experiência infantil ou adulta. Nessa perspectiva, podemos questionar: por que a velhice vem sendo definida pela palavra senilidade — considerando-se que esse conceito sobrepõe o uso da palavra senescência, por exemplo, pois tem sido utilizado, com mais frequência, como sinônimo de velhice? Além disso, por que a palavra senescência, que significa uma velhice não sobrecarregada por patologias, é simplesmente esquecida ou pouco utilizada?

Questões como essas sinalizam para a importância de se discutir e entender essas nuances. Apesar de a velhice ser uma realidade conhecida pelos humanos há muito tempo, aparentemente é uma fase da vida que não se discute e/ou não se aceita; podemos encontrar razões para isso. Mesmo que não possamos generalizar ou definir a velhice como um conceito que abarque todo esse complexo mundo de sentidos que o sujeito produz, podemos tecer considerações assentadas em autores que se dedicaram a essa empreitada. Não se trata de um movimento para reduzi-la a um único sentido, mas destacar, justamente, sua característica de transbordar as fronteiras dos sentidos fixados pela sociedade.

### Circunscrevendo a noção de velhice

Diante das inúmeras áreas que possibilitam entender a relação que há entre a sociedade e suas velhices (Psicologia, Biologia, Medicina, Geriatria, Gerontologia, Sociologia etc.), várias noções de velhice se formaram. Na perspectiva de alguns escritores e poetas, o que distinguiria a velhice de outras fases da vida seria, apenas, a doença, como escreve o dramaturgo francês Alexandre Dumas: “[...] o que é que nos faz velhos? Não é a idade, são as doenças.” Também podem-se encontrar, na literatura, outras possibilidades

de compreensão da velhice; a exemplo podemos citar o escritor norte-americano Ernest Hemingway no livro *Adeus às armas*, que afirma: “é uma ilusão a sabedoria dos velhos. A sabedoria não cresce com a idade. O que cresce é o espírito de cautela.” (2013, p.197). Tal sentido de velhice questiona a crença popular do “velho sábio” ao distinguir a velhice de sabedoria, a comparando com um momento de prudência. Como observa-se, o conceito de velhice é flexível, dependendo da leitura e vivência que cada ser humano faz do mundo a sua volta e de si mesmo.

Para delinear esse conceito, Mucida (2019) aponta um caminho interessante, construído a partir de suas observações clínicas, mas acentua que estabelecer esse marco conceitual não é tarefa fácil; diferentemente da ideia de “envelhecimento”, pois se trata de um processo que está presente em todos nós. Sendo assim, já sinaliza para uma distinção importante que, erroneamente, poderíamos associar como um conceito apenas (velhice e envelhecimento); embora sejam termos que se cruzam a todo momento não são sinônimos.

O envelhecimento é um processo comum em todo organismo desde o início de vida até a morte, já a velhice situa-se como um acontecimento específico dentro desse processo. Mucida (2019) expõe a complexidade do tema nas seguintes palavras: “mesmo que o envelhecimento possa ser tomado como um dado em si mesmo, pois nós envelhecemos, o conceito de velhice é muito mais difícil de estabelecer.” (p.26).

A utilização do termo, também, pode ser facilmente encontrada no cotidiano como uma espécie de sinônimo para algo negativo, feio, asqueroso ou para designar aquilo que já não tem mais utilidade; nessa última forma de se empregar o termo, nota-se como a velhice é transposta de condição humana para um adjetivo depreciativo; uma velhice alvo de repugnância social com o velho. Evidencia-se tais situações nas piadas, xingamentos e manifestações de ódio, voltadas a pessoa idosas; o velho que tem desejo sexual é chamado de “velho tarado” (MUNAROTTO; PEREIRA; MACHADO, 2019), (COUTO *et al.*, 2009); quase sempre as bruxas são caracterizadas como velhas, de narizes grandes e cabelos brancos; as piadas sobre velhos são praticamente zombarias do declínio de seu organismo; e recentemente, durante a pandemia causada pelo vírus COVID-19, inúmeros comentários ou piadas ofensivas são postadas nas mídias sociais contra os idosos, evidenciando a situação de exclusão social, exclusão (importante lembrar que não se trata de um fato novo) que ocorre mesmo antes da pandemia (SILVA *et al.*, 2021).

Empenhados na tarefa de responder à questão “o que queremos dizer com velhice?”, elegemos uma compreensão que emprestamos de Mucida (2019): a velhice se revela como um estranhamento para o sujeito, ao passo que este tende a buscar formas de nomeá-la de acordo com seu recurso simbólico. Entretanto, sempre restará algo de irrepresentável nessa dinâmica de encontro com o estranho que a velhice proporciona.

Ressaltamos, ainda, que a elaboração conceitual deve ser feita com cautela, visto que os estudos que visam se dedicar ao tema não devem afirmar o que seria a velhice no geral, pois isso mascararia os aspectos individuais que incidem sobre a velhice de

cada pessoa (BEAUVOIR, 1970/2018). Desse modo, assegurando esse diálogo com a obra de Beauvoir e em atenção à abordagem escolhida para iluminar esse campo complexo e multifacetado chamado velhice, seguiremos o entendimento da psicanalista Mucida (2019) acerca da velhice:

se a velhice é ainda determinada em cada época e em cada cultura de forma diferenciada, acentuamos, que os significantes que tentam nomeá-la incidirão sobre os sujeitos, provocando seus efeitos. Mesmo que cada um só possa responder sob os auspícios de seus próprios traços, os significantes culturais — o mal-estar da cultura em cada época — exercem sem sombra de dúvidas, seus efeitos sobre o sujeito. Afirmamos, portanto, que a velhice é também um efeito do discurso (MUCIDA, 2019, p.28).

Se a velhice é também um efeito do discurso, quais os discursos que temos para dar conta dessa experiência humana? Há diferentes discursos que podem demarcar o momento de encontro com a velhice, os quais se distinguem das possibilidades de interpretação de cada pessoa e sua maneira de dar sentido. Desse modo, segundo Figueiredo (2018, p. 20), “os mundos da vida diferem em função dos recursos interpretativos dos homens, em particular de seus recursos linguísticos [...]”. Portanto, a linguagem tem papel fundamental para a forma como as pessoas vivenciam suas experiências, como as nomeiam e quais sentidos esses nomes agregam em suas vivências.

Ao se pensar a entrada na velhice, o mesmo raciocínio pode ser utilizado. Por exemplo, não podemos afirmar que a velhice, necessariamente, começa aos 60 anos quando a pessoa é considerada idosa pela Organização Mundial da Saúde (2005) ou ao se aposentar; podemos considerar estes como marcadores jurídicos, visto que são necessários para contemplar uma série de direitos do idoso. Entretanto, há, certamente, um mundo de significantes que podem marcar esse início, variando com o recurso simbólico e linguístico de cada pessoa. Podemos dizer que esses marcadores podem ser também do plano experiencial.

Não se pode considerar, de antemão, a idade como um demarcador de se estar velho, tampouco excluir esse marcador social como um possível indicador da senescência. Como visto até aqui, a velhice poderá ser vivenciada de acordo com cada pessoa na medida em que os sentidos de velhice surgem ao decorrer de suas vivências. Portanto, não há um sentido único de velhice. Por isso, devemos começar a pensar em velhices e seus modos de vivê-las.

Desse modo, pensando a velhice como uma construção histórico/social e de diferentes maneiras experimentadas, singularmente por esse sujeito que também é social, não há como definir a velhice como um conceito estático e fixado no tempo. Parece-nos um caminho fecundo, percorrer a obra de Beauvoir (1970/2018) — A velhice — para alcançarmos uma compreensão ampla das vivências/experiências e sentidos da velhice ao longo da história e de diferentes culturas, observando a velhice como uma construção de cada tempo, de cada sujeito e sociedade. Sendo assim, não procuramos definir a velhice

a priori, como um conceito estático e já fixado no método de nossa investigação, mas estabelecer alguns pressupostos para pensá-la como os citados anteriormente.

## A velhice e atualidade

No Ocidente, há notícias de uma velhice menos privilegiada, ou completamente indesejada. Poetas e filósofos começam a expor suas angústias e reflexões acerca dos aspectos negativos associados à velhice. Isso porque a velhice em si não é a produtora das patologias decorrentes do envelhecimento, mas tais patologias começam a se associar àquela; caso contrário, a gerontologia não se preocuparia em se dividir em dois conceitos: a experiência de se estar velho. Senescência e senilidade abordam esses dois aspectos; o primeiro conceito se trata do envelhecimento natural, não conturbado pelas patologias que a idade avançada torna mais propício; já a senilidade é justamente esse encontro anunciado pela estatística; em que o velho passa a vivenciar, além do envelhecimento, as patologias frequentes nesta idade.

Voltando às concepções do ocidente, pode-se observar, em algumas artes, a representação da velhice marcada pela angústia e solidão. Como exemplo, temos Van Gogh (1853/1890), com sua pintura chamada “O Velho Na Tristeza”, uma obra criada em 1890.

Na pintura, há um velho sentado de cabeça baixa; como se escondesse a velhice, o velho esconde o rosto entre as mãos; a cor azul, aparentemente retratando uma forte melancolia, apreende o olhar em um único foco: uma alma solitária ao lado de uma chama queimando os últimos galhos que lhe dão vida; o velho, como se esperasse o fim daquela chama, que o aquece temporariamente, permanece como se aguardasse o fim anunciado.

O profundo tom azul que destaca a cena chama atenção para outra obra. Dessa vez de Picasso (1881/1973), que marcou a história da arte pela forma como utilizou o azul em uma série de quadros que ficaram conhecidos como o “Período azul de Picasso”. A partir desse pintor, o azul foi associado à tristeza e dor, como explica Corrêa e Kern (2018). Um exemplo da aplicação dessa tonalidade está em sua pintura “O Velho Guitarista” de 1903.

A obra expõe, novamente, um velho de cabeça baixa; outra imagem de velhice marcada pela tristeza; as roupas rasgadas dão sinais da miséria e não apenas a solidão. A pintura, como mencionado, é dominada pelo tom azul. Sobre essa obra, Corrêa e Kern (2018) acrescenta:

nenhuma outra cor teria o mesmo poder representativo do azul. O atmosférico encena e envolve uma série de sentimentos, uma atmosfera mágica, trágica e solitária que acompanhou a história da pintura nos últimos séculos. A emoção nos atinge assim como a cor (p.12).

Saindo um pouco do mundo das pinturas, lancemos nosso olhar à perspectiva dos poetas, como Charles Baudelaire (1821/1867), o precursor da poesia moderna segundo Kirchof (2007). Em seu livro — Pequenos poemas em Prosa —, o autor descreve uma cena

que merece nossa atenção. Convém citá-lo na íntegra:

a velhinha recurvada alegrou-se ao ver no berço a criancinha a quem todos festejavam e agradavam; esse lindo ser tão frágil quanto ela e como ela, também, sem dentes e sem cabelos. Aproximou-se do bebê querendo fazer graças com risinhos e caretas agradáveis. Mas a criança, espantada, debateu-se sob os carinhos da boa senhora decrépita e encheu a casa com seus gritos agudos. Então a boa velhinha retirou-se a sua solidão eterna e chorou num canto dizendo para si: “Ah! Para nós, infelizes mulheres velhas, a idade impede de transmitir alegria mesmo aos inocentes; nós causamos horror às criancinhas a quem nós queremos mostrar amor” (BAUDELAIRE, p. 8).

A cena abrange várias questões que este trabalho pretende discutir; tornando o texto de Baudelaire ideal para abordar uma visão moderna da velhice. Enquanto o autor encontra semelhanças entre a criança e a velha, quando escreve: “tão frágil quanto ela e como ela, também, sem dentes e sem cabelo”, ele enfatiza traços importantes que seria a barreira entre esses dois seres: “a criancinha a quem todos festejavam e agradavam”. As características da criança que servem à velha são aquelas que a colocam em passividade frente à vida, sem autonomia e sem beleza; o que, atualmente, chamamos de uma infantilização da velhice. Já o fato de muitos se alegrarem com as crianças, aparentemente não ocorre da mesma maneira em relação à velha.

Outro elemento relevante refere-se à reação da criança. Mesmo sendo tratada com zelo e carinho, espantou-se com a velha, a quem o autor confere-lhe uma imagem decrépita. Debateu-se, e fez ouvir-se por toda a casa. Em seguida, a velha se retira e encara a solidão a qual a sociedade instituiu para seres como ela; chorando, diz as palavras mais profundas da crônica: “para nós, infelizes mulheres velhas, a idade impede de transmitir alegria mesmo aos inocentes; nós causamos horror às criancinhas a quem nós queremos mostrar amor.”

A angústia expressada pela velha vai ao encontro de estudos como de Beauvoir, em que se debatem as dificuldades enfrentadas por essa população que sofrem os efeitos de uma cultura em que são menosprezados; e, quando são vistos, costuma-se, em relação ao excesso de cuidado, lhes subtraírem a autonomia. O velho, como categoria social, vem alcançando alguns direitos atualmente. Entretanto, para isso, tem de se desfazer de suas singularidades, vontades e sua própria concepção de velhice.

Beauvoir relata que, até o século XIX, não se encontrava alusão aos velhos desfavorecidos financeiramente; um dos motivos se deve ao fato de a longevidade ser um privilégio das classes ricas. Portanto, os velhos pobres da época estariam em menor número. O que justifica a afirmação da autora ao dizer que tanto a História como a Literatura passam por eles “radicalmente em silêncio” (p.94).

Na atualidade, a velhice vem ganhando espaços significantes, seja no discurso capitalista (por se tratar de um número crescente de potenciais consumidores), em leis que abarcam estatutos e direitos, ou mesmo na ciência com importantes áreas de estudos.

Apesar do avanço, paira uma espécie de cegueira na população a respeito da velhice quando se refere às “singularidades dos velhos” (ROSA; VILHENA, 2016, p. 11). Ou seja, como categoria social, o idoso tem sido percebido na sociedade. Entretanto, essa visibilidade não se aplica às múltiplas possibilidades de sentido que a velhice pode apresentar. Pois, logo que um velho apresenta comportamentos ou desejos que não estão de acordo com a imagem caricaturada de velhice que se espera, estes toranam-se foco de sátiras e piadas repugnância ou simplesmente são isolados.

A respeito da atualidade, Souza *et al.* (2002), ao investigarem a imagem do idoso à luz da imprensa, mediante as matérias de jornais datadas de “maio a setembro de 1996 e janeiro de 1997 a fevereiro de 1998” (p. 193), referente aos estados, Rio de Janeiro e São Paulo, obtiveram os seguintes resultados: “a primeira questão que ressalta é a ideia, no imaginário retratado pela imprensa, de ‘idoso’ como pobre e um problema social” (p. 191). Outras concepções de velhice se destacam, como por exemplo: idoso como “sinônimo de aumento dos gastos” e “um peso para familiares”. As autoras, também, identificaram que raramente se abre espaço para as falas dos idosos nas matérias de jornais analisadas. Ao que parece, a maioria dos jornais em questão (ao menos nas datas apresentadas) não estão interessados na versão dos idosos sobre a situação destes no Brasil ou os julgam incapazes para isso.

Outro contexto que deve ser analisado refere-se ao imaginário que circula nas mídias digitais. Nesse espaço, o anonimato de alguns perfis ou a própria necessidade de opinar sobre todos os assuntos potencializa comentários e postagens com características ageistas. Como exemplo, uma coluna postada pela revista ISTOÉ, escrita pelo colunista Ricardo Kertzman no início deste ano. O título é “Brasil: um país onde velhos, velharias e velhacos não morrem nem saem de cima. Tanta gente nova e capaz, e o brasileiro se engalfinhando por setentões imprestáveis, como Lula e Bolsonaro.”<sup>2</sup>

O texto constitui uma crítica política aos dois candidatos à presidência da república do Brasil, a intenção aparente é colocar em evidência que ambos presidenciáveis possuem uma extensa carreira política e inviabilizam a entrada de outros nomes no cenário. Entretanto, a escolha de palavras e adjetivos não são apenas detalhes na narrativa, a repetição de sinônimos desse estigma redireciona a intolerância e a repugnância não apenas contra dois candidatos, ou a carreira de ambos, mas sim contra um grupo de pessoas que possuem os mesmos estigmas — os velhos!

É notória, também, a supervalorização da juventude, como se o fato de os dois candidatos serem velhos fosse o suficiente para os desqualificarem para o cargo. O colunista da ISTOÉ relaciona “gente nova” com capacidade, evidenciando, assim, o desprezo que a sociedade tem pelos mais velhos, os quais são vistos, apenas, como um peso social, uma

---

<sup>2</sup> Título da matéria publicado pela revista ISTOÉ em seu perfil no Twitter, de autoria de Ricardo Kertzman. Acessado em 05/04/2022. Disponível em: <https://twitter.com/RevistaISTOE/status/1488094832727838723?s=20&t=BPt8eVR-VmR5PN53YjXLkpw>

categoria descartável, ou, nas palavras de Kertzman (2022): “não morrem nem saem de cima”.

Como podemos dizer que esse acontecimento não se trata de um evento isolado, ou mesmo, como afirmar que é um recorte do imaginário social? Ao analisar os comentários da publicação, percebe-se que poucos perfis chamam atenção para o título absurdo e repleto de ageísmo; o que deveria comover um público para a retratação da revista, em defesa dos idosos, tornou-se, apenas, uma publicação com pouquíssimas críticas quanto ao fato de ligarem o velho à incapacidade, retrocesso e repugnância.

Mesmo que o velho esteja inserido nesses espaços decisivos da políticas, eles ainda são estigmatizados, como aponta Andrade (2011, p. 95).

Os idosos que, apesar de construírem seus espaços pouco a pouco, ainda agregam atributos que a sociedade estigmatiza. Padrões, sobretudo de juventude, que devem ser alcançados, são os mais preponderantes.

É evidente a cegueira da sociedade quanto a essas questões, que permanecem recorrentes. Provavelmente, se fosse outro grupo da sociedade atingido, haveria maior comoção, ou repúdio ao texto que faz questão de ligar a idade à incapacidade. Evidentemente, é legítimo e, ainda, necessário que outros temas e situações de preconceitos e violências sejam, também, denunciadas e soluções cobradas pela sociedade. Entretanto, por que igualmente não é feito com a velhice? é uma realidade que pode esperar a resolução de questões mais importantes (reconhecendo, assim, a velhice como à parte desse conjunto)? Ou, talvez, seja porque está normalizado o discurso no qual a juventude tornou-se adjetivo do que é bom, e velhice do que é mau? Corroborando essa questão, há o mesmo texto que foi publicado também no Jornal Estado de Minas. Abaixo do título ainda constava a seguinte frase: “tanta gente nova e capaz, e o brasileiro ainda se engalfinhando por setentões imprestáveis”<sup>3</sup>.

Para concluir seu texto, após associar a idade e velhice ao desempenho político dos dois presidenciáveis, o colunista Ricardo Kertzman afirmou: “Lula e Bolsonaro, mais do que vencidos, são putrefatos. Já eram. Devem ser atirados no lixo. Ou melhor, incinerados. O mau cheiro que produzem é insuportável.” Aparentemente, esse é o lugar reservado aos velhos.

Investigando os discursos voltados à velhice que estão presentes nas mídias do ano de 2017, em especial o envelhecimento feminino, Mendonça (2017) chega à conclusão de que o envelhecimento é percebido e noticiado como um problema, e ainda passível de solução por meio do “consumo de certos produtos, serviços e da adoção de determinados comportamentos e abandono de outros.” É totalmente perceptível um interesse econômico nesse tipo de discurso e nos permite supor uma velhice associada a um “problema a ser evitado”. Em que o capitalismo se apressou em apresentar soluções, ainda que superficiais,

<sup>3</sup> Acessado em: 04/03/2022 Disponível em: [https://www.em.com.br/app/colunistas/ricardo-kertzman/2022/01/31/interna\\_ricardo\\_kertzman,1341415/um-pais-onde-velhos-velharias-e-velhacos-nao-morrem-nem-saem-de-cima.shtml](https://www.em.com.br/app/colunistas/ricardo-kertzman/2022/01/31/interna_ricardo_kertzman,1341415/um-pais-onde-velhos-velharias-e-velhacos-nao-morrem-nem-saem-de-cima.shtml)

alimentando a ilusão de uma juventude eterna para aqueles que podem pagar por ela.

Beauvoir (1970/2018) apresenta uma velhice que enfrenta grandes desafios em uma sociedade que, como ela afirma, consegue nos impedir de ver, nos velhos, nosso semelhante. Diante disso, o que viabiliza essa impossibilidade de ver o idoso como um semelhante? A autora explana, sua análise, se tratar de um movimento de negação do futuro; portanto, conferindo a velhice, apenas, ao outro. Pois eles, os velhos, antecipam e refletem um aspecto incontornável de nosso futuro, caso vivos permaneçamos.

Diante da imagem que os velhos nos propõem de nosso futuro, permanecemos incrédulos; uma voz dentro de nós murmura absurdamente que aquilo não vai acontecer conosco; não será mais a nossa pessoa quando aquilo acontecer. Antes que se abata sobre nós, a velhice é uma coisa que só concerne aos outros. Assim, pode-se compreender que a sociedade consiga impedir-nos de ver nos velhos nossos semelhantes” (BEAUVOIR, 1970/2018, p. 11).

Com o propósito de se chegar à compreensão acerca da relação entre o adulto e os idosos, Beauvoir (1970/2018) recorre à ideia de ambivalência entre pais e filhos na teoria freudiana. De acordo com a autora, “essa relação caracteriza-se, segundo Freud, por sua ambivalência. O filho respeita o pai, admira-o, deseja identificar-se com ele e mesmo tomar seu lugar; este último desejo engendra ódio e medo” (2018, p. 228). Desse modo, há outras questões envolvidas na relação entre adultos e idosos, como a ambiguidade de amor e ódio; respeito e desejo de usurpar a cadeira que o velho ocupa na configuração familiar. O que pode se prosseguir é a morte simbólica do pai, desvalorizando-o em sua condição de velho.

Segundo Beauvoir (1970/2018), por causa das imposições da moral, o homem adulto se vê obrigado a “respeitar” os velhos. Entretanto, seus interesses em inferiorizá-los estariam mascarados por um excesso de cuidado, em que esse idoso será silenciado quanto às suas vontades, desejos e autonomia, uma forma de domínio que aniquila esse outro velho. Um aniquilamento simbólico em que este ser é compreendido, apenas, como uma existência, se torna objeto de uma de uma prática, com a perda de suas autonomias. E, assim, o adulto agora ocupa o lugar antes ocupado pelo pai. O velho, induzido ao convencimento de sua decadência, limitações e incapacidade de discernimento, segue a vontade do adulto. Beauvoir (1970/2018) acrescenta que:

os interesses em jogo nessa luta não são apenas de ordem prática, mas também de ordem moral: queremos que os velhos se conformem à sua imagem que a sociedade faz deles. Impomos-lhes regras com a relação ao vestuário, uma decência de maneiras e um respeito às aparências. É sobretudo no plano sexual que se exerce a repressão (1970/2018, p. 230).

Como categoria social, já sabemos que importantes espaços foram conquistados pelos idosos. Entretanto, Beauvoir (1970/2018) expõe, em sua obra — *A velhice* —, a cultura do silêncio que há a respeito das individualidades da velhice, mostrando que, ainda, precisa-se pesquisar e tornar cada vez mais presente o discurso sobre a senescência de

como cada sujeito constrói, a seu modo, o sentido que torna a velhice uma experiência singular e particular.

## 4 | CONCLUSÃO

Diante das velhices e seus variados sentidos, podemos apresentar algumas considerações e tecer certas conclusões. A velhice pode apresentar um sentimento de estranhamento frente às modificações do corpo, somando as perdas com o encontro do real da finitude. Em resposta a isso, ocorre um processo de escamoteamento do velho, ou tudo que a velhice represente. Ao estabelecermos a relação entre velhice e morte, destacamos como sociedade buscou afastar a ideia de morte do cotidiano, ao ponto de viver como se morrer nunca fosse uma possibilidade (FREUD, 1915/2009), assim também se vive como se nunca fosse envelhecer (BEAVOUIR, 1970/2018); entretanto, diante do destino inevitável e cada vez mais difícil de negar, o estranhamento de si próprio e do outro, juntamente ao encontro com a finitude do ser humano, se estabelece (MUCIDA, 2019).

Apesar de a velhice ser cada vez mais discutida, alguns autores salientam seu *status* de silenciamento (LOUREIRO, 2000; BEAVOUIR, 1970/2018; MUCIDA, 2019). Mesmo nos cursos de Psicologia, em que temas sociais importantes são levados à discussão, não há dedicação e empenho a respeito da velhice. A ideia que se tem de velhice não é perene ao longo da história da humanidade e seus sentidos são múltiplos e subjetivos. Esse entendimento nos auxilia na compreensão de que a velhice constitui uma fase dinâmica, que é vivida e retratada ao longo da história de maneiras distintas. Às vezes valorizada e outras vezes escamoteada no canto da história como apenas uma fase de extrema amargura e solidão. Além de variar com o tempo, sua experiência é única e individual, mas com alguns aspectos que podem estar presentes para muitos, como é o caso de vítimas de preconceitos, abandono, exclusão (COUTO *et al.*, 2009).

Sem dúvida hoje se fala mais sobre a velhice do que no século passado, mas precisamos questionar: falar sobre a velhice é o mesmo que romper o silêncio que foi instituído? Levando em consideração os direitos garantidos juridicamente aos idosos, certamente há um avanço; entretanto, a busca de um reducionismo de sentidos da velhice (como a percepção da velhice apenas como um momento de doenças e decrepitude e a necessidade de ser medicalizada ou curada) ou a tentativa de diminuir o peso da palavra “Velhice” suavizando com analogias que remetem a outras fases da vida (como as formas alternativas de chamar a velhice: velhos jovens, melhor idade etc.), contribuem para o silenciamento, pois redireciona a questão para outro lugar que não o social; tal discurso impõe apenas ao velho a responsabilidade e culpa pelo infortúnio de sua velhice. Como salienta Beauvoir (1917/2018), pesquisas que tendem a ver a velhice como uma única realidade, apenas mascaram suas minúcias e particularidades subjetivas.

Concluimos, então, que ambos os sentidos destacados na pesquisa vêm apontando

para um lugar: o não lugar social; ou seja, cada vez mais o velho perde lugar e voz na sociedade. O estudo corrobora, ainda, com a defesa de Beauvoir de que não exista uma velhice apenas, mas sim múltiplas formas de se vivenciar o envelhecimento. Ou seja, múltiplos sentidos; cada pessoa vivendo a singularidade dessa experiência, se rearticulando e ressignificando de acordo com processos de subjetivação, como a envelhescência descrita por Berlink (2000) e Soares (2005) em seus respectivos trabalhos; ou mesmo por meio da sublimação, como defendido por Mucida (2019).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. A. R. Estigma e velhice: Ensaio sobre a manipulação da idade deteriorada. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 14, n. 1, p. 79–97, 2011.

BAUDELAIRE, C. P. **Pequenos poemas em prosa (Le Spleen De Paris)**. Rio de Janeiro: Athena Editora, [s.d.].

BEAUVOIR, S. DE. **A velhice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BEAUVOIR, S. DE. **Uma Morte Muito Suave**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

BLUM, V. L. A noção de alteridade radical e sua importância na docência. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 26, n. 1, p. 123–136, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde; Secretaria de Atenção à Saúde; Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Brasília; 2007. (Cadernos de Atenção Básica, n. 19). Disponível em: <<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/abcd19.pdf>>

CANDIANI, H. R. Simone De Beauvoir. **Blogs de Ciencia da Universidade Estadual de Campinas**, p. 187–196, 2020.

COUTO, M. C. P. DE P. et al. Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro - ageísmo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 4, p. 509–518, 2009.

CHAUÍ, M. **6 HOMENAGEM A ECLÉA BOSI**. São Paulo: Psicol. USP, , 2008. (Nota técnica).

CORRÊA, V.; KERN, D. P. M. O estudo da cor é um elemento de grande importância quando analisamos uma obra de. **Revista Seminário de História da Arte**, v. 01, 2018.

COUTO, M. C. P. DE P. et al. Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro - ageísmo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 4, p. 509–518, 2009.

FREITAS, E. V. DE et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. v. 3.

GAUDENZI, P.; ORTEGA, F. O estatuto da medicalização e as interpretações de Ivan Illich e Michel Foucault como ferramentas conceituais para o estudo da desmedicalização. **Interface: Communication, Health, Education**, v. 16, n. 40, p. 21–34, 2012.

GOFFMAN, E. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª ed. [s.l.: s.n.].

HALL, G. S. **Senescence, The Last Half of Life**. Edição do ed. [s.l.: s.n.].

KIRCHOF, E. R. **A REPRESENTAÇÃO DA MODERNIDADE NA POESIA DE CHARLES BAUDELAIRE** Cor das Letras-UEFS. [s.l.: s.n.].

KERTZMAN, R. **No Brasil: um país onde velhos, velharias e velhacos não morrem nem saem de cima. Tanta gente nova e capaz, e o brasileiro se engalfinhando por setentões imprestáveis, como Lula e Bolsonaro. Leia a coluna de Ricardo Kertzman**. Disponível em: <https://twitter.com/RevistaSTOE/status/1488094832727838723>.

KIRKPATRICK, K. **Simone de Beauvoir: uma vida**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

MARIA, E. et al. the Concept of Goffman Stigma Applied To Old Age. v. 24, n. 2012, p. 2015, 2018.

MENDONÇA, M. L. M. DE. Vista do VELHICE, VELHICES: entre (in)visibilidades, ativismos e transgressões. **Revista Observatório**, p. 497–516, 2017.

MINERBO, M. Ser e sofrer, hoje. **Ide**, v. 35, n. 55, p. 31–42, 2013.

MONTEIRO, S. B.; BIATO, E. C. L. **Revista de Educação Pública**. p. 255–271, 2008.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece**. 2. ed. [s.l.] Autêntica Editora, 2019.

MUNAROTTO, D.; PEREIRA, C. C. C.; MACHADO, D. T. M. A VISÃO DO IDOSO SOBRE SUA SEXUALIDADE. **Revista das Semanas Acadêmicas**, v. 5, 2019.

NERI, A. L. O legado de Paul B. Baltes à psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. **Temas em Psicologia**, v. 14, n. 1, p. 17–34, 2006.

NÉRI, A. L. Contribuições da psicologia ao estudo e à intervenção no campo da velhice. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, p. 69–80, 2004.

Organização Mundial da Saúde/World Health Organization (2005). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde** / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Acessado em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf)

PAIVA, V. M. B. A velhice como fase do desenvolvimento humano. **Rev. psicol**, v. 4, n. 1, p. 15–23, 1986.

PRADO, S. D.; SAYD, J. D. A gerontologia como campo do conhecimento científico: Conceito, interesses e projeto político. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 11, n. 2, p. 491–501, 2006.

ROSA, C. M.; VILHENA, J. DE. O Silenciamento da Velhice: Apagamento Social e Processos de Subjetivação. **Revista Subjetividades**, v. 16, n. 2, p. 9–19, 2016.

SILVA, A. L. DA et al. Utilização de medicamentos por idosos brasileiros, de acordo com a faixa etária: um inquérito postal. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, n. 6, p. 1033–1045, jun. 2012.

SILVA, M. F. et al. Ageism against older adults in the context of the COVID-19 pandemic: an integrative review. **Revista de Saude Publica**, v. 55, p. 1–13, 2021.

SIQUEIRA, R. DE; CARDOSO, H. O conceito de estigma como processo social: Uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana. **Imagonautas**, v. 2, n. 1, p. 92–113, 2011.

SOARES, F. M. DE P. O conceito de velhice: da gerontologia à psicopatologia fundamental. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 8, n. 1, p. 86–95, 2005.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

- Abordagem centrada na pessoa 22, 23, 24, 26, 28, 29, 30  
Acelerador 146, 147, 152, 155  
Adaptação cultural 119, 120, 124, 125, 130, 134  
Adolescência 26, 27, 82, 100, 103, 105, 114, 116, 117, 118, 123, 132, 133, 134  
Autonomia 24, 26, 53, 56, 78, 80, 85, 86, 106, 128, 129

### C

- Communities that care youth survey 119, 120, 123, 124, 127, 131, 132, 134  
Comportamento hiperativo 88, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98  
Compreensão empática 22, 23, 24, 25, 26, 29  
Confusão de línguas 1, 2, 3, 4, 7, 9  
Consciente 13, 25, 142, 146, 147, 148, 151, 152

### D

- Diagnóstico diferencial 135, 136, 141, 143, 144  
Dinâmica de grupos 78

### E

- Enfermeiro(a) 100, 103, 104, 110, 114, 115  
Envelhecimento 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 55, 58, 59  
Espiritualidade 123, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145

### F

- Fatores de risco e proteção 119, 120, 121, 122, 123, 125, 128, 131, 133, 134

### I

- Instrumento de avaliação 119, 120, 130

### L

- Literatura 1, 2, 3, 4, 7, 8, 23, 44, 45, 49, 53, 60, 117, 119, 122, 135

### M

- Medicalização na educação 88, 98

### P

- Projeção 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155  
Psicanálise 1, 2, 4, 7, 8, 9, 157

Psicodinâmica do trabalho 10, 11, 14, 18, 19, 20, 21

Psicologia 9, 10, 14, 22, 23, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 34, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 57, 58, 59, 64, 65, 68, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 90, 91, 92, 99, 100, 103, 104, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 130, 132, 133, 134, 157

Psicologia social comunitária 78, 79, 80, 84, 86

Psicólogo(a) 11, 22, 24, 33, 79, 80, 85, 86, 87, 99, 100, 103, 104, 112, 113, 116, 118, 132, 133, 157

Psicoterapia 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 48, 113

Psiquiatria 135, 144

## **R**

Recinologia 146

Relação abusiva 31, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 41, 42

Relações de gênero 31, 43

Religião 105, 122, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145

Rodas de conversa 88, 89, 93

## **S**

Sándor Ferenczi 1, 2, 3, 9

Saúde emocional do trabalhador 10, 18

Saúde mental 12, 18, 31, 33, 37, 41, 131, 132, 133, 135, 136, 139, 140, 141, 143, 144

Senescência 45, 49, 51, 52, 57

Sistema de prevenção 119, 120, 122, 125, 128, 129, 130

## **T**

Trabalho escravo contemporâneo 10, 17, 21

## **V**

Velhice 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Violência doméstica 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 42, 43, 44, 100, 101, 102, 103, 104, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118

# A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA

e seu(s) objeto(s) de estudo 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](#) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA

e seu(s) objeto(s) de estudo 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](#) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 